

Suplemento Cultural

N.º 8

revista paulista de medicina

Euclides da Cunha

Algumas palavras

Dr. Oswaldo Gallotti
Pres. do Centro de Estudo
Euclides da Cunha
S. Paulo

Os euclidianos de S. Paulo, convidados pelo culto e eficiente Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina, Dr. Duílio Crispim Farina, para participarem deste número do Suplemento Cultural, deixam aqui seus agradecimentos à honrosa convocação e felicitam a prestigiosa entidade da classe médica paulista pela elogiável preocupação em procurar desenvolver a cultura geral de seus associados.

Trouxemos alguns trabalhos sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha.

Coisa simples, e limitada pelo espaço disponível.

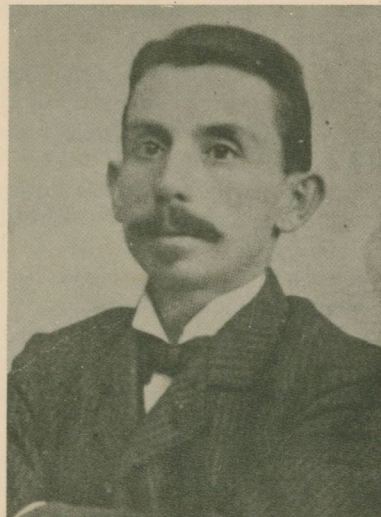
Por que Euclides da Cunha?

— Porque sua obra é a preocupação com a organização social do país. Sua experiência é pessoal, ele foi aos locais, viu, sentiu, estudou e, possuidor de extraordinária eloquência, denunciou com exaltação. Não é denúncia demagógica; é o alerta de um patriota que quer o problema, progressivamente, resolvido.

— Porque ele sentiu a realidade brasileira e quis estar coerente com nossa maneira de ser. Achava que ambas deviam ser respeitadas. Precisamos soluções nacionais para os problemas nacionais. Nossa condição geográfica e histórica, gerando uma situação peculiar, exige prévia adaptação da civilização ocidental aos autênticos impulsos de uma genética social que é produto de diversos fatores, inclusive a particular influência da natureza. Ele mesmo preferiu o contato com a natureza. Sofria, nas grandes cidades.

— Porque procurou conscientizar, os brasileiros sobre a verdade do nordeste, da amazônia, da questão das fronteiras, da necessidade de se estruturar melhor a situação política-social. O tema da liberdade, que para ele era básico tanto a individual quanto a coletiva, devia ser colocado ao extremo de uma libertação também das influências civilizadoras que nos são estranhas, das quais não somos os autores.

— Por que participou de uma expressiva e vigorosa corrente do pensamento brasileiro que deu a este país tudo que há de mais puro.



Euclides da Cunha — 1866/1909

— Por que sua linguagem empolga, convence, estimula.

Nunca defendeu o nacionalismo estreito. Estava no entanto convicto de que poderemos contribuir com algo para a civilização universal. Ele sentia isso. Nós temos uma força própria e ela poderá participar do processo comum do progresso.

Sabemos que Euclides é um autor difícil. O vocabulário raro ou científico, porém riquíssimo e exato, e o ritmo e as imagens de um barroquismo que parece ultrapassado assustam e afastam os leitores comuns.

A medida porém que o relemos aumenta, aos poucos, nosso domínio e segurança sobre o texto e então as coisas começam a clarear, se simplificar, se enriquecer e ficamos tomados pela vibração e beleza que há em suas idéias, no ritmo, nas imagens, nas palavras.

O que se vê atrás de tudo é o Brasil. Estamos convencidos da atualidade da obra euclidiana. Estamos chegando a nos convencer também que o interesse por ela depende de um "indicador cultural", isto é, da quantidade e qualidade de estudantes e profissionais de nível universitário existentes na comunidade.

Por isso estamos animados.

Os sertões completarão 80 anos no ano que vem, 1982. Já é uma idade em que as obras permanentes começam a se firmar.

O interesse da classe médica, por exemplo, pela temática euclidiana poderá ser um dos passos certos para a consolidação dessa mensagem.

A contribuição dos euclidianos paulistas para o Suplemento Cultural se distribui por temas que consideramos importantes porque, alguns especialmente, significam a procura de novos rumos do euclidianismo.

Devemos modificar a imagem que se faz do escritor Euclides, desde os juízos críticos de 1903, procurando compo-la de aspectos mais condizentes com a denúncia que a obra encerra.

Estamos portanto numa fase polêmica dos estudos euclidianos, sem ainda termos chegado a uma conceituação consistente sobre o que se pretende. Aliás, o que não é raro, cada um tem o seu conceito sobre Euclides. E isto é bom.

— • —

A título de rápida informação sobre o assunto que vai ser exposto vamos apresentar, telegraficamente, para uma visão panorâmica, geral, os temas que serão desenvolvidos.

Oração aos eternos pedaços do Euclidianismo

Paulo Dantas

S. Paulo. Cinco minutos, 8-12-80

Não adianta querer fugir dele; Euclides é o Brasil sofrido e andejo, penitente e esperançoso, estradeiro e altaneiro que nos persegue. Assim como, na frase dos-toivskiana, Deus o perseguiu a vida inteira, o santo pagão Euclides da Cunha sempre, com sua obra de fogo, com a usina do seu pensamento humanístico e universitário, sertanejo e conselheiro permanece no universo e no comando do seu verbo alumbrado — o maior verbo já escutado num *duro discurso* nacional.

Entra ano, sai ano, cai Governo, sobe ditadura, e nós, os escolhidos e chamados euclidianos reunidos estamos, em todas as partes, seja na Capital ou no Interior, no serão e no mundo, na montanha ou no mar, aonde haja alguém para nos escutar a lição geral de bra-

Para começar teremos a voz sertaneja, vibrante e sonora, como uma oração cívica, transbordando emoção que vem da terra e do povo sofridos; segue-se a cronologia euclidiana, rápida, que é estudo de pesquisador que nunca se acomodou às improvisações; surge depois a citação da obra, livro por livro, em ligeiras definições que os encaixam no contexto da produção global; e se Euclides foi bom escritor isso será mostrado por “mãos de mestre”; mas há a necessidade de se dar o devido realce à contemporaneidade de Euclides, mostrando alguns problemas de 1902 que continuam por aí, ainda, à espera de solução; assim se passa ao absorvente estudo da linguagem de Euclides, porém sob primas atuais; depois percorremos, levados por um casal de professores, os meandros, muitas vezes sinuosos, de Os Sertões; e os médicos poderão concordar, ou não, com o parecer do sociólogo quando critica a opinião já ultrapassada de Euclides sobre a cegueira noturna embora o

silidade, de amor amado, de vibração vibratória.

Aqui, nessa abertura de cinco minutos, baixou a voz euclidiana ordenando que, em medicina e em apostolado, reunisse os pedaços esparsos, os cacos reventados dos cascos das nossas cavalgadas em tropel, numa carga de brigadeira e antônia posse coivara (de coivara e possessão) cercando o Monte Santo da memória nacional destruída, mas por nós, aos pedaços, em mosaicos, saudades, análises, lembranças, reconstruída em mural jornalístico, via Galotti, Associação Paulista de Medicina.

A usina estudantil, universitária, com os mestres com carinho e saudade, com verbas parcas e miúdas, jamais teudas ou manteudas de Secretarias ou orga-

assunto venha numa de suas páginas antológicas; em seguida o professor reafirma que a obra é além de permanente, atual, não só pela sua realidade agressiva como pelo seu brasileiro de gosto popular; discuti-se depois qual dos escritores brasileiros que escreveram sobre o estouro da boiada o fez com mais arte e maestria; parece não haver dúvidas de que os fatos e datas da vida de Euclides, na fase da Escola Militar, estão a exigir uma revisão; e por especial atenção do Arquivo do Exército estamos apresentando um documento raro”, pouco conhecido na integra, que esclarece detalhes biográficos do autor; sem nos esquecermos de que temos dívidas a resgatar para com Euclides.

Se dúvidas surgirem entre os leitores cada autor terá a satisfação em comentá-las, defendê-las ou corrigi-las.

Por intermédio do Dr. Duílio Crispim Farina qualquer um dos signatários dos trabalhos poderá entrar em contato com os interessados.

nismos culturais, nunca deixou de prestar o culto à personalidade, o único devido e que sobrou depois do dilúvio nacional.

Machado de Assis ficou nas bibliotecas, mas Euclides da Cunha passeia no Brasil ao ar livre, ao sol. Euclides são os sertões iluminados, somos nós seus discípulos convictos na lição de eterna brasilidade.

Esta punição aos impunes, esse chamado aos indiferentes, aqui, nesta publicação 81, nesta corrente de Santo Antonio Conselheiro, corrente pra frente, gente que é gente brava brasileira, nacional, a vida inteira.

Euclides, escute de novo, novamente, as nossas falas, vozes falando de Você e do seu pensamento valente.

VIVA!

Abril/Junho 1981

Cronologia Euclidiana. Os 43 anos de Euclides

Olimpio de Souza Andrade (*)
Rio de Janeiro

1866 — Janeiro — 20 — Nascimento em Santa Rita do Rio Negro, Município de Cantagalo, Estado do Rio.

1869 — Morte de sua mãe, Eudóxia Moreira da Cunha.

1969-1879 — Em Teresópolis, com uma tia, Rosinda; em São Fidélis, com outra tia, Laura (71-76); na Bahia, com os avós paternos (77-78); no Rio, com o tio, Antônio Pimenta da Cunha. Primeiros estudos: Colégio Caldeira (São Fidélis 74), Colégio na Bahia, e Colégio Anglo-Americano (Rio).

1880-1884 — Prosseguimento, no Rio, dos estudos iniciais: Colégios Vitória da Costa e Menezes Vieira (80-82); Colégio Aquino, onde, no jornalzinho “O Democrata” imprimiu-se o seu primeiro artigo.

1884-1885 — Exames e matrícula na Politécnica, onde só cursou 1 ano.

1886 — Na Escola Militar, cadete 308.

1888 — Fiel à palavra empenhada, à sua coragem, às suas paixões, provoca incidente diante do Ministro da Guerra, deixando cair o sabre, sendo preso e excluído do Exército. Confessando-se propagandista republicano, vai ser submetido a Conselho de Guerra, mas é perdoado pelo próprio Imperador, seguindo para São Paulo, onde, em “O Estado”, inicia séries de artigos de “revanche”.

1889 — Regresso ao Rio. Novos exames para a Politécnica que, outra vez, não cursou. Proclamação da República. Reversão ao Exército, promovido a alferes-aluno.

1890 — Matrícula na Escola Superior de Guerra. Termina o curso de Artilharia, enquanto, meio descontente com a República, escreve no jornal “Democracia”. É promovido a 2.º tenente. Casa-se.

1891-1892 — Termina na Escola Superior de Guerra os cursos de Estado-Maior e Engenharia Militar (91) e de bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais, quando é promovido a 1.º tenente (92). Neste mesmo ano escreve outra série de artigos para “O Estado de São Paulo” defendendo a situação criada pelo contragolpe de Floriano, no qual tivera a sua participação. É coadjuvante de ensino na Escola Militar.

1893 — Floriano oferece-lhe posições, mas ele só deseja o que a lei prevê para militares do seu posto... Engenheiro

praticante na EFCB, depois na Diretoria de Obras Militares. Revolta da esquadra. *A Esfinge*.

1894 — Cartas à “Gazeta de Notícias” contra um senador, em defesa de presos políticos, criando embaraços para Floriano, que o mandou para Campanha, MG. No “exílio”, aos 28 anos de idade, viu inaugurar-se na cidade uma praça com o seu nome, começou a dedicar-se seriamente aos estudos brasileiros, e às teorias socialistas. Assim decidido a mudar o curso da sua vida, vai, de licença, a São Paulo: tentativa de abandonar em definitivo a carreira das armas e iniciar-se na engenharia civil.

1895 — Deixa Campanha, indo para a fazendinha do pai, em Descalvado, SP. Oficialmente agregado ao corpo do Estado-Maior, trabalha em caráter precário como engenheiro da Superintendência de Obras de São Paulo, estudando e fiscalizando obras no interior.

1896 — Saída definitiva do Exército. Nomeação para a Superintendência de Obras e prosseguimento das atividades aí. Relatório sobre exploração de um trecho do Rio Grande.

1897 — Outra vez na redação do “O Estado” atividades internas e colaborações assinadas, dentre as quais sobressaem as relativas à distribuição dos vegetais, a Anchieta, e os dois artigos *A nossa Vendéia*, revelando excelentes conhecimentos dos assuntos brasileiros e determinando a ida a Canudos como correspondente de guerra. Vai em princípios de agosto, volta em fins de outubro, para a fazendinha do pai, começando a escrever *Os Sertões*.

1898-1901 — Publica o *Excerto de um livro inédito* (1/98). Muda-se para São José do Rio Pardo para reconstruir uma grande ponte, a serviço da Superintendência (3/98); aí correram os 3 anos mais calmos e proveitosos de sua vida, durante os quais escreveu a quase totalidade de *Os Sertões* e executou com absoluta correção a obra de engenharia. Saiu da cidade em maio para São Carlos do Pinhal, com promoção, sendo, em seguida, transferido para o Distrito de Guaratinguetá, com residência em Lorena.

1902 — Revisão de provas e lançamento de *Os Sertões* (11/902). *Relatório sobre as ilhas dos Búzios e da Viária*, após reconhecimento “in loco”, tão

trabalhosos como as contínuas viagens pelas serras e pelos vales da região do Paraíba, na mesma época, e a cujo respeito publica um artigo famoso com o título *Viajando*, mais tarde mudado para *Entre as ruínas*.

1903 — Aclamado membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e empossado com um discurso corajoso que provocou muitos rumores. — Eleito para a cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, da qual só tomaria posse 3 anos depois. Com vencimentos reduzidos, solicita demissão da Superintendências de Obras.

1904 — Engenheiro da Comissão de Saneamento de Santos, com residência no Guarujá. Desempregado em virtude de incidente com a chefia. Escreve para a imprensa a maior parte dos artigos que viriam a formar o *Contrastes e Confrontos*. Chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, parte para Manaus, a serviço do Itamarati.

1905 — Todo o ano no Amazonas, em aventuras no desconhecido.

1906 — No Rio, adido ao gabinete do barão do Rio Branco. Publicação do *Relatório sobre o Alto Purus*. Posse na Academia. Publicação do *Contrastes e Confrontos*.

1907 — Artigos no “Jornal do Comércio”, publicados em livro no mesmo ano: *Peru versus Bolívia*. Conferência *Castro Alves e seu tempo*, no Centro Acadêmico 11 de Agosto.

1908 — Continua no Itamarati retificando, esboçando, projetando mapas, um geral, vários regionais do Purus, do Juruá, do Acre, da Lagoa-Mirim. Envolvido num incidente diplomático por Zaballos, desfaz intrigas publicando todas as cartas que deste recebeu, exigindo-lhe a publicação das suas.

1909 — Concurso de Lógica. Nomeação. Primeiras aulas. Assassinado quando já havia revisto as provas de *A Margem da História*, mas sem ter terminado o seu último artigo para o “Jornal do Comércio” *Um atlas do Brasil*. Morreu a 15 de agosto.

* Esta cronologia de Euclides, de autoria de Olimpio de Souza Andrade está publicada no seu livro “Euclides da Cunha, Antologia”, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1966. Autor falecido em 24-9-1980.

Bibliografia de Euclides da Cunha

Introdução

A histórica edição do Suplemento Literário (O Estado de São Paulo) de 20/01/66 estampou, entre seus preciosos artigos, um assinado por Oswaldo Galotti. Nele está a melhor fonte concisas sobre a bibliografia euclidiana.

Baseados nesse excelente trabalho, pretendemos sistematizar as edições euclidianas posteriores a janeiro de 1966, tentando oferecer um painel de todas as edições feitas da obra do genial autor de “Os Sertões”.

Além do trabalho de Oswaldo Galotti, remetemos os leitores a duas outras publicações, que jugamos essenciais para a bibliografia de Euclides da Cunha. A primeira delas é a “Obra Completa”, em dois volumes, da Cia. José Aguilar Editora, publicada no Rio de Janeiro, em 1966: trabalho monumental no capítulo de edições de livro e de cultura. É a segunda publicação é do M.E.C./I.N.L., é o segundo trabalho da Coleção Documentos: “Bibliografia de Euclides da Cunha”, exaustiva pesquisa feita por Irene Monteiro Reis e publicada no Rio de Janeiro, em 1971.

Além dos sete livros indicados por Galotti, podemos incluir na bibliografia euclidiana mais “Caderneta de Campo”, “A Margem da Geografia”, “Outros Contrastes e Confrontos”, “Fragmentos e Relíquias”, “As Ilhas dos Búzios”, “Epistolário”, e mais de cinquenta outras pequenas produções jornalísticas, crônicas, relatórios, etc.

“Os Sertões”

A explicação clara de Oswaldo Galotti podemos, só, acrescentar a divisão da obra e as edições feitas após 1966.

A obra-prima de Euclides da Cunha está dividida em oito partes e não em três como, didaticamente, ensina-se; são elas: A Terra, O Homem, A Luta — Preliminares, Travessia do Cambaio, Expedição Moreira César, Quarta Expedição, Nova Fase da Luta, Últimos Dias.

Sobre “Os Sertões” Euclides da Cunha escreveu a Agustin de Vedia, seis anos após a primeira edição: “...este livro bárbaro de minha mocidade, monstruoso poema de brutalidade e de força, é tão estranho à maneira tranqüila como considero hoje a vida, que a mim mesmo às vezes custa entendê-lo.”

Além das 26 edições em língua portuguesa até 1966, foram lançadas mais seis até 1971, contando com a edição inserida na Obra Completa, da Aguilar. Posteriormente, de nosso conhecimento, há uma edição muito boa, com fixação de texto por Hersílio Ângelo e introdu-

ção de Alfredo Bosi, feita pela Cultrix em convênio com o M.E.C., em 1973.

“Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus”

É um texto técnico. Euclides da Cunha cuida bem para que seus períodos sejam de uma linguagem científica. Vejamos um exemplo, que quase mostra o autor fugindo da linguagem objetiva: “Este fenômeno, largamente generalizado, dá ao Purus o caráter de rio ‘divagante’, consoante o dizer da fisiografia moderna. Favorece-o em grande parte o seu traçado característico, em meandros, que tão díspares lhes torna as distâncias itinerárias e geográficas”. (Edição da Aguilar, p. 691). Este mesmo processo de policiamento do registro lingüístico, a fim de que o discurso não perca seu caráter científico, é constante em todas as suas sete partes.

Além da 1.ª e 2.ª edições, de 1906 e 1960, e da edição extra da Academia Brasileira de Letras, de 1913, há a edição inserida na Obra Completa, ocupando as páginas 681 a 734, do vol. I.

A nomeação do autor para chefe da Comissão deu-se em 09/08/1904 e a redação do Relatório ocupou-o de 23/10/1905 a 16/12/1905, em Manaus. Daí até junho/1906, o Relatório foi burocratizado e completado, no Rio de Janeiro.

“Contrastes e Confrontos”

Um dos confessados receios de Euclides da Cunha era ser tido pela posteridade como autor de um só livro, “Os Sertões”. Assediado pela fama e por um editor, resolveu reunir 27 artigos, antes publicados em “O Estado de São Paulo”, e editá-los como livro. Tem dez edições, sendo a última da Lello Brasileira, São Paulo, de 1967, com estabelecimento de texto por Dermal de Camargo Monfrê.

Os artigos não apresentam unidade. Há alguns focalizando mais acentuadamente o problema social, sob o aspecto da divisão de bens; o melhor é o famoso “Um Velho Problema”, que termina com a valorização da greve como arma do proletariado.

“Peru versus Bolívia”

Publicado em setembro de 1907, quando ia acesa a disputa diplomática de terras extensas, na fronteira entre Peru e Bolívia. O autor aproveitou seus grandes conhecimentos da região e de fronteiras. Dá razão à Bolívia.

É, a linguagem desta obra, uma feliz aliança da profundidade e correção técnicas, quanto ao assunto, com uma for-

Célio Pinheiro
Araçatuba, SP

ma literária bela; menos capotosa e adjetivante que em “Os Sertões”, mas nem por isso (ou, mesmo por isso) menos bela.

Teve três edições; a última constituindo o último livro do vol. I da Obra Completa.

Um exemplo de beleza literária está na segunda parte do capítulo VII, quando Euclides discorre sobre as falhas da cartografia.

“Castro Alves e seu Tempo”

É uma conferência eminentemente literária, pronunciada pelo autor para fazer o panegírico do vate baiano. Não achamos que Euclides da Cunha elogia o poeta nesta conferência: o seu elogio continua sendo para o fautor da história do Brasil, que foi o republicano e o abolicionista Castro Alves.

Esta conferência tem três edições, a última dentro da citada publicação da Aguilar, como um dos “Outros Contrastes e Confrontos”, vol. I, páginas 420 a 437.

Vale a pena uma leitura comparativa desta conferência com o Discurso de Recepção pronunciado por Euclides na Academia Brasileira de Letras (“Contrastes e Confrontos”).

“A Margem da História”

A rigor, este seria o segundo livro de Euclides da Cunha. O material coligido e já transformado em texto literário, em sua parte inicial, constitui o primeiro estudo desta obra: Terra sem História (Amazônia). Como Euclides se encontrava doente, numa premonição de que não conseguiria completar seu segundo livro, preparou, em 1909, sua edição. Não se pode considerar as demais publicações de Euclides como obras acabadas. Só “Os Sertões” têm uma concepção e realização como obra literária (e das mais excelsas). Sua segunda grande obra literária seria esta, sobre a Amazônia. Não a realizou, deixou o princípio, a que somou três outros estudos. Contudo, literariamente sob uma visão de texto e não de contexto, “A Margem da História” é de uma beleza formal emocionante; como por exemplo o texto “Judas Ahsverus”.

Afora as seis edições indicadas por Galotti, em 1967, com nota explicativa do próprio Galotti e notas de Monfrê, a Lello Brasileira lançava a 7.ª edição. E há outra, no vol. I da Aguilar.

“Canudos, Diário de uma Expedição”

São as 29 comunicações, em forma de diário de correspondente de guerra, que

o autor enviou de Canudos, ou Bahia, para “O Estado de São Paulo”.

Tem valor documental e não literário. O seu conteúdo é o “passado a limpo” de certas páginas da “Caderneta de Campo”.

Tem a edição de 1939 referida por Oswaldo Galotti, e a do vol. II da Aguilar, páginas 491 e 572.

“Caderneta de Campo”

Também não é uma obra literária de Euclides da Cunha. Só tem valor documental, pois, como afirma Olímpio de Souza Andrade na bela introdução editorial feita para a Cultrix/M.E.C., em 1975, “...se trata de simples lembretes, redigidos à pressão do tempo que corria, sem ordem, sem método, despreocupadamente, seu autor não imaginando sequer que um dia viesse a merecer tanta atenção...”.

“A Margem da Geografia”

É a reunião de dez trabalhos técnicos do autor, relacionados à geografia; inclusive com os comentários sobre livros de geografia.

Não é obra literária. A linguagem tem o mesmo cuidado dos textos endereçadamente científicos de Euclides.

A única edição é a da Aguilar, pois foi o conselho editorial e comentador

dirigido por Afrânio Coutinho que deu este título. Esparsa e isoladamente os dez trabalhos têm várias outras edições.

“Outros Contrastes e Confrontos”

Da mesma forma que o anterior, a Aguilar reuniu cerca de duas dezenas de trabalhos jornalísticos do autor, e inseriu o “livro” no vol. I da Obra Completa. Inclusive aquele que Galotti considerou um livro separado, “Castro Alves e seu Tempo”.

“Fragmentos e Relíquias”

Começa com o primeiro artigo do autor para jornalzinho de escola (O Democrata), passa por artigos de 1888, 1894, 1897, inclui o manifesto socialista O Proletário de S. J. do Rio Pardo (que não se provou ter a participação de Euclides), e termina com a carta-prefácio ao livro “O Norte”, de Osório Duque Estrada.

A Aguilar o coloca no vol. I, páginas 515 a 533.

“As Ilhas dos Búzios”

Reúne relatórios considerados modelos no gênero, que o autor escreveu, como engenheiro: Ilha dos Búzios (11 páginas), Ilha da Vitória (1 página), Beretoga (4 páginas). Escritos em 1902 e

1904, foram publicados quatro vezes: Anais do Congresso Brasileiro de Geografia (1944), “O Estado de São Paulo” (1954), Academia Brasileira de Letras (1954) e Obra Completa, da Aguilar (1966).

“Epistolário”.

Documento dos mais importantes para entender o escritor Euclides da Cunha, este livro reúne 207 cartas dele a pessoas como amigos, conhecidos, empresários, etc. Sobre estas cartas escreveu Alberto Rangel: “São linhas íntimas. Na sua intimidade, porém, nada há que lhe diminua o espírito fulgurante e a dolorida sentimentalidade que as ditaram. Não podia ser de outro modo. Homens dessa natureza não têm altos nem baixos, conservando também, no obscuro bastidor das relações comuns, a integridade de suas nobres qualidades reais.”

Saíram, em parte, no livro de Francisco Venâncio Filho, “Euclides da Cunha a seus Amigos”, Editora Nacional, S. Paulo, 1938. Depois na Obra Completa. Contudo, há mais cartas do autor não incluídas em nenhuma destas duas edições: por exemplo, uma, endereçada a Dilermando de Assis (que o mataria), publicada em Diretrizes, Rio de Janeiro, em 06/11/1941.

Hersílio Ângelo
S. José do Rio Pardo, SP

V
Brasil aos Brasileiros, atraídos no litoral pela cultura européia, Graça Aranha denuncia uma chaga de nossa civilização, no perigo representado pelos quistos inassimiláveis da imigração alemã diante da fraqueza e da corrupção do meio brasileiro.

A integração nacional

Ao lado de sua formação científica sobretudo em matemáticas, vinha Euclides meditando em profundidade a formação histórica e social do Brasil. Entre outras atividades, publica, em 1897, antes de ir para Canudos, dois artigos intitulados “A Nossa Vendéia”. Nesses artigos, a par do republicanismo euclidiano, reponta o estudioso do meio geográfico e social. Critica a estratégia da campanha. Suspeita da monarquia, e crê na vitória da República. Mais tarde compreenderá melhor aquele choque de culturas.

A sua correspondência de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo* já deixa entrever o pulso e o perfil do artista. Além dos pronomes, coloca bem as idéias. Um exemplo: “Completemos a vitória. / Que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será, no caso vertente, o verdadeiro vencedor: / O mestre-escola.” — Mais adiante o seu

Euclides Escritor

V
explicam pela “ambientalismo” da *raça*, do *meio* e do *momento* — ainda seduz muita gente até hoje. Discípulo de Zola, Eça de Queirós seguiu-a nos seus romances sociais, parecendo exemplificá-la no conto “No moinho”. Sílvio Romero tentou aplicá-la nos seus estudos de literatura, com longas digressões sobre o meio, a *raça*, etc.

Euclides da Cunha, sobretudo n’*Os Sertões*, obedece ao determinismo *raça*, *meio*, *momento*. O estilo, opulento e nervoso, introduz a ciência na literatura, lembrando a poesia científica de Tobias Barreto, Augusto dos Anjos. Até as partes em que se divide a obra — “A Terra”, “O Homem”, “A Luta” — parecem inspiradas na teoria de Taine. As teorias científicas da época, os termos técnicos para maior exatidão, a “defasagem” histórica do interior com o litoral, o apego a afirmativas precárias (a questão do cruzamento, a fatalidade da luta das raças, o autoctonismo do homem americano), etc. — são temas científicos do Realismo, hoje em parte superados, a bem da perenidade da estética.

Outra obra que marcou época em nossa literatura foi *Canaã*, de Graça Aranha, publicada no mesmo ano de *Os Sertões* (1902). Inspirados na mesma Escola do Recife, Euclides da Cunha e Graça Aranha equacionam seriamente os problemas brasileiros do seu tempo. Enquanto Euclides, numa análise objetiva, procurava mostrar todo o

Preliminares

Estamos na segunda metade do século 19. Vai findando o entusiasmo romântico. Na poesia ainda persiste a lembrança perene da poesia imortal de Castro Alves, morto em 1871. Fica na arena o seu opositor, Tobias Barreto, chefe da chamada “Escola do Recife”, onde as principais correntes da literatura, da filosofia, da ciência e do direito passam pelo crivo do espírito crítico. Aí se projetam grandes nomes, como Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Martins Júnior, Graça Aranha, e outros, que direta ou indiretamente vão renovando a cultura nacional. A esse grupo vai prender-se Euclides da Cunha, por inclinações naturais e pelo pendor de seus estudos.

Com o progresso das ciências, vem o estudo da filosofia, o materialismo, o evolucionismo, o determinismo, o positivismo, etc., definindo novos rumos para a literatura — o Realismo e o Naturalismo. Sainte-Beuve e Hippolyte Taine, grandes críticos franceses, Augusto Comte, Darwin, Spencer, além de outros cientistas, concorrem para criar a atmosfera da chamada “geração do materialismo”, refletindo-se nas artes em geral.

Somente o determinismo ou evolucionismo não podem explicar o nascimento de uma obra literária. Mas a teoria de Taine — segundo a qual as obras se



Eudoxa Moreira da Cunha, mãe de Euclides.

cuidado com a integração nacional: “Depois de nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estas rudes patricios que — digamos com segurança — constituem o cerne da nossa nacionalidade.” — Finalmente, numa visível prova de “respeito humano”, esta expressiva confissão: “Dois frades franciscanos, alemães, ainda bem moços, aqui estão com o intuito nobilíssimo de cuidar dos feridos que não possam vingar a distância de Monte Santo a Queimadas. Viam convidar ao Ministro e a todos para assistirem à missa. Assistimos. / Há quantos anos tenho eu passado indiferente, nas cidades ricas, pelas opulentas catedrais da cruz? ... / E assisti à missa numa saleta modesta, tendo aos cantos espingardas, cinturões e cantis e um selim suspenso no teto — servindo uma mesa tosca de altar e estando nove décimos dos crentes fora, na rua, ajoelhados. E ajoelhei-me quando todos se ajoelharam e bati, como todos, no peito, murmurando com os crentes o *mea culpa* consagrado. / Não me apedrejeis, companheiros de impiedade; poupai-me, livres-pensadores, iconoclastas ferozes! Violento e inamolgável na luta franca das idéias, firmemente abroquelado na única filosofia que merece tal nome, eu não menti às minhas crenças e não traí a nossa fé, transigindo com a rude sinceridade do filho do sertão...” (1)

Dizem que Euclides escrevia de costas voltadas para o mar. Arregalando os olhos espantados para o sertão. Olímpio de Sousa Andrade, seu devoto biógrafo e intérprete, frisa bem a intenção desse gesto: “... empreendeu a viagem de volta, no vapor *Brasil*, saído da Bahia no dia 18 de Novembro, mas, como na ida, *sem ver o mar, como que de olhos fechados para o mar*.” (2)

Assim, nessa postura — de olhos fechados para o mar — escreverá quase deserto”, no qual tanto insiste, seria toda a sua obra. O seu “duelo com o talvez uma fuga — para o seu entranhado amor ao sertão e à sua gente. No

sertão e à sua gente. No sertão, os homens, as coisas, os seres, tudo é visto com lentes de aumento: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. José Lins do Rego protesta, descrevendo a vida dura dos praiheiros, após doze horas de alto mar, de paciência, de espera, calmos, resignados.

“O gênio do criador dos *Sertões* — diz José Lins do Rego — sentira o homem do litoral como um pobre doente, em quadro desolador. Para ele, aquele era de “raquitismo exaustivo”, o “raquitismo exaustivo dos mestiços neuras-tênicos do litoral” em comparação com o sertanejo: antes de tudo um forte. Tudo muito do artista prodigioso que havia em Euclides. Ele queria os homens como a sua imaginação exaltada queria que os homens fossem, seres como cera plástica em suas mãos. Um romântico, do grande tipo, chegando até às extravagâncias do barroco. *Nunca um escritor no Brasil foi mais tipicamente barroco do que Euclides*. O que havia de grande, de forte, de substancioso no barroco, havia no seu estilo, que Nabuco, outro romântico, sugerira parecer construído com cipó.

“Havia de fato em Euclides da Cunha — continua Lins do Rego — a magia do artista barroco. Ele via a realidade, às vezes, como se estivesse possuído, dominado por ela. E os seus poderes de mágico engrandeciam a realidade, transformavam as coisas ao seu jeito, faziam vinho da água; realizavam o milagre. As árvores, os animais, os homens se transformavam em suas mãos em elementos, em massas, em cores, em formas que ele manobrava com febre alta. Este prodigioso artista que escreveu *Os Sertões* teve força como os arquitetos espanhóis para sugerir as massas, os crentes, as elites. Mas Euclides, que amassava matéria plástica para os seus afrescos, via a realidade como ele queria ver. Foi assim que os praiheiros ficaram na frase reduzidos a um quase-nada de gente. E era uma grande injustiça.” (3)

Desculpamo-nos da longa citação, pela referência ao barroco em Euclides, que pretendemos abordar mais adiante. Mas Euclides não esqueceu de todo os praiheiros. No seu “Relatório sobre as ilhas dos Búzios e da Vitória”, datado de Junho de 1902, refere-se aos “pescadores que não raro ao tornarem das longas excursões, no final de um dia inteiro de fadigas, têm ainda que realizar prodígios de agilidade e de força” compleição robusta, vigorosos e ágeis, (...) “São naturalmente homens de afeiçoados aos perigos que afrontam todos os dias” (...) “O mar tem-lhes sido uma escola de força e de coragem...” (4)

O fato é que a mensagem de Euclides da Cunha continua viva e válida. Há que incorporar dois terços de nosso país à civilização — por meio de escolas, de hospitais, de vias de comunicação, de amparo efetivo a todas as

calsses trabalhadoras, nos trinta e dois rumos da rosa-dos-ventos.

Características de sua obra

Num trabalho ligeiro, como este, basta enumerar algumas facetas do escritor. Foi na literatura que Euclides se realizou. Algumas provas. a) *Estética*. Sempre se preocupou com a arte literária. A sua maior vocação eram as letras. Eis o início do preâmbulo a *Os Sertões*: “Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante...” Que “intervalos de folga” eram esses na vida de um homem tão ocupado? — O tempo para descanso, naturalmente “raro”, que ele consumia lendo, estudando, escrevendo. “Carreira fatigante”: pelos deveres de sua profissão de engenheiro, viajava continuamente. Daí a fadiga, o cansaço de que se queixa. Julgava esses trabalhos um empecilho à sua carreira de escritor. Em carta a Pethion de Villar, de 15/5/1900, apresentando-lhe o Dr. José Leite, escreve: “Entre outras cousas (o portador) dir-te-á que levo a mais inútil das vidas, em perene conflito com a minha engenharia obscura, cujas exigências me afastam de outras ocupações mais atraentes, às quais somente dedico um ou outro quarto de hora de folga nos meus dias fatigantes de operário.” (5)

b) *Barroco*. Releia-se o trecho de José Lins do Rego sobre jangadeiros. Não constitui desdouro algum dizer que Euclides é escritor barroco. Atualmente o barroco anda muito valorizado pelos estudos de Afrânio Coutinho, Lourival Gomes Machado, etc. Barroco foi, por exemplo, um Pe. Antônio Vieira, que Euclides muito admirava, segundo o testemunho de José Honório de Silos, a ponto de dizer de cor alguns trechos de *Sermões*. Talvez inspirado no trecho “O estatutário”, de Vieira, com a mesma propriedade no emprego dos verbos, teria concebido a figura do seu Judas: “E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguçá-lhe o queixo, numa massagem cuidada e lenta; pinta-lhe as sobrancelhas, e abre-lhe com dous riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso: desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos.” (...) “Volve ao seu homúnculo; retoca-lhe uma pálpebra; aviva um rítus expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e retifica-lhe as vestes...” (...) “Repentinamente o bronco estatutário tem um gesto mais comovedor do que o *parla!* ansiosíssimo, de Miguel Ângelo: arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça do Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto do seu próprio pai.” (6)

Este retrato foi extraído da mais bela página de Euclides, “Judas-Ahsverus”, de *A Margem da História*. No todo, ele exhibe as principais qualidades da prosa euclidiana: Impressionante concepção artística; linguagem correta e precisa; pontuação clara e artística; inspiração do melhor barroco; adjetivação exata; imagens naturais e felizes; sensibilidade poética; em suma, uma pungente impressão de inanidade pelas vidas humildes e perdidas do submundo dos seringaais.

Presença de Euclides

A meu ver, só há uma corrente nacionalista, tomada esta palavra no seu bom sentido. Talvez haja momentos ou autores de maior exacerbação nacionalista. Mas não compreendo uma literatura nacional sem nacionalismo, como diria o Conselheiro Acácio. De José de Alencar a Euclides da Cunha, passando por Machado de Assis, temos uma linha muito sumária dessa corrente nacionalista, sem contar, é claro, o Modernismo, onde a tônica principal é o espírito de brasilidade.

Esse tema é apaixonante, porque nos pode arrastar ao terreno movediço da chamada “língua brasileira”. Muita gente toma ao pé da letra aquela pergunta de Alencar no famoso prefácio de *Sonhos d'Ouro*: “O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?” (7)

Alencar foi mal compreendido e injustiçado. Chamaram-no o pai da “língua brasileira”, noção que Gladstone Chaves de Melo retifica e põe nos seus devidos termos, numa excelente tese de concurso — *Alencar e a “Língua Brasileira”*. Ele foi, isto sim, o introdutor da língua literária no romance brasileiro. O criador do “estilo brasileiro”. O animador de tantos tipos e lendas que a alma brasileira estava reclamando. Mas escreveu no *português do Brasil*.

Já Machado de Assis é um modelo de aticismo. Em Março de 1873, conceituando nitidamente o “Instituto de Nacionalidade” dizia: “Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a em-

pobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é *certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país*, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (8)

Isto significa que não há incompatibilidade entre nacionalismo e universalismo. Pelo contrário, uma obra é tanto mais universal quanto mais ela traga em si os germens do nacional: é a busca genuína. Silvio Romero, aliás, é insuspeito para completar essa reflexão: “O espírito nacional não está estritamente na escolha do tema, na eleição do assunto, como se costuma supor. / Não é mais possível hoje laborar em tal *malentendu*. O caráter nacional, esse *quid* quase indefinível, acha-se, ao inverso, na índole, na intuição, na visibilidade interna, na psicologia do escritor. Tomasse um eslavo, um russo, como Tolstoi, por exemplo, um tema brasileiro, uma história qualquer das nossas tradições e costumes, havia de tratá-la sempre como russo. Isto é fatal. Tomasse Machado de Assis um motivo, um assunto entre as lendas eslavas, havia de tratá-lo sempre como brasileiro, queremos dizer, com aquela maneira de sentir e pensar, aquela visão interna das cousas, aquele *tique*, aquele *sestro* especial, se assim nos podemos expressar, que são o modo de representação espiritual da inteligência brasileira.” (9)

Gilberto Freire, num estudo muito lúcido, (10) vê bem o fenômeno carismático de Euclides da Cunha, escritor difícil e atraente. O obra euclidiana é obra de revelação, de poesia, e não descrição científica. Nela predominam as virtudes artísticas sobre as científicas. “Esplende de tropicalismo; arde de brasileirismo”. O estrangeiro gosta da literatura euclidiana por ser diferente das produções européias, pela novidade do sabor.

Sua posição na literatura nacional

Euclides da Cunha chega até nós, *Mais pelo conteúdo de sua obra do que pela sua expressão*. “Cada tempo tem o seu estilo” (Machado de Assis).

Os escritores atuais não aceitam certas virtualidades do estilo euclidiano — como o preciosismo, a adjetivação abundante, a enfase oratória, a tensão contínua, etc. Em contrapartida, louvam-lhe as ousadias de linguagem, a independência da sintaxe, os recursos metafóricos e imagísticos, a originalidade,

etc. Comentando Roosevelt, Euclides endossa estes conceitos: “que mais vale ser um original do que uma cópia, embora esta valha mais do que aquele” e que o ser brasileiro de primeira mão, simplesmente brasileiro, maugrado a modéstia do título, “vale cinquenta vezes mais do que ser a cópia de 2.ª classe, ou servil oleografia, de um francês ou de um inglês”. / “Parafrazeando, diríamos: os nossos melhores estadistas, guerreiros, pensadores e dominadores da terra, os que engenharam as melhores leis e as cumpriram, os homens de energia ativa e de coração, que definiram com mais brilho a nossa robustez e o nosso espírito — todos sentiram, pensaram e agiram principalmente como brasileiros.” (11) Assim definiu, em parte, o seu brasileirismo.

Seria interessante apurar até que ponto Euclides influiu em Mário de Andrade e Guimarães Rosa, propiciando um clima de renovação, um ponto de maturidade, para a criação de duas obras apaixonadamente nacionais, como eles de uma cadeia que se prolonga. Sem dúvida, o nacionalismo euclidiano é estimulante.

Mário de Andrade tinha plena consciência de que grande parte de sua própria experiência lingüística tinha um destino de transitoriedade, de sacrifício pessoal. Por outras palavras, como ele mesmo escreveu a Sousa da Silveira (26/26/1935): “fugir do erro português, por muitas partes era ou podia se cair no erro brasileiro”. (12)

Mas e o caso de Guimarães Rosa, que volta aos termos raros, aos arcaísmos, à formação de palavras, à adjetivação transporta, à ordem inversa e livre, e a frases indecifráveis a não ser num determinado contexto? No imenso campo rosiano, muita coisa se explica pela busca de novos rumos, pela estilização, pela transfiguração, pela artificialização de uma linguagem magreste, afetiva, folclórica, plástica e poética, à procura da alma brasileira, cujas raízes se implantam no coração de nossa terra e no gênio de nosso povo.

Finalmente, em nossas letras, Euclides da Cunha destaca-se como descobridor do sertão; como paladino, no plano social, de todos os deserdados; como poeta e profeta das nossas grandezas e misérias, — através de uma obra literária densa, honesta e original. E universal pelo profundo sentido de humanismo.

— • —

- (1) Euclides da Cunha, *Canudos e Inéditos*, ed. de Olímpio de Sousa Andrade, Edições Melhoramentos, 1967, ps. 71, 94 e 100.
- (2) Olímpio de Sousa Andrade, artigo “Euclides e *Os Sertões*”, no *Correio da Manhã*, Rio, 9/8/1959. Cf., do mesmo Autor, *Histórica e Interpretação de “Os Sertões”*, Edart, 1960, pág. 98; *Canudos e Inéditos*, citado, pág. 32.
- (3) José Lins do Rego, *Gordos e Magros*, ed. da C.E.B., Rio, 1942, págs. 220/23. (Os grifos são meus.)

- (4) Euclides da Cunha, *Canudos e Inéditos*, citado, págs. 162/3.
- (5) Virgulei o texto, do arquivo do Grêmio Euclides da Cunha, de S. José do Rio Pardo. Sem cotejo com o autógrafo.
- (6) Euclides da Cunha, *A Margem da História*, Porto, 1909, págs. 106/7.
- (7) José de Alencar, *Sonhos d'Ouro*, Livr. José Olímpio Edit., Rio, 1967, pág. 168.
- (8) Machado de Assis, *Obra Completa*, vol. III, ed. Aguilar, Rio, 1962, pág. 804. (Grifo meu).
- (9) Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, tomo quinto, Livr.

- José Olímpio Edit., Rio, 1960, pág. 1502.
- (10) Gilberto Freire, “Euclides da Cunha, Revelador da Realidade Brasileira”, in Euclides da Cunha, *Obra Completa*, vol. I, ed. Aguilar, Rio, 1966, págs. 17/31.
- (11) Euclides da Cunha, *Contrastes e Confrontos*, 2.ª ed., Porto, 1907, pág. 249.
- (12) Mário de Andrade, “Cartas a Sousa da Silveira”, na *Revista do Livro*, n.º 26, Set.º 1964, pág. 130.

São José do Rio Pardo, 20 de julho de 1969 — Chegada do Homem à Lua.

Atualidades de Euclides da Cunha

Sem dúvida Euclides da Cunha está entre aqueles autores que são mais citados do que lidos. E os que o leram, conhecem quase que exclusivamente Os Sertões, nada mais sabendo do outro Euclides, aquele que vive e palpita nas páginas de Contrastes e Confrontos e A Margem da História. Ainda mais: os que leram Os Sertões, se deixaram ofuscar pelas cintilações do seu estilo e assim não puderam captar toda a sua corajosa e candente mensagem. E é pena, uma vez que em Euclides a Mensagem vale mais que o estilo, embora seja o estilo que assegure a perenidade dessa mensagem. Todos sabemos que Os Sertões são um livro-denúncia. E muito que Euclides verberou em 1902, ainda enodoa a nação.

Cerne de tudo, razão de ser do livro, foi Canudos. Mas o fanatismo religioso ainda faz seus crimes, já não dizemos nos recônditos sertões, mas em pleno Estado do Rio de Janeiro; haja vista a seita das “Borboletas Azuis”. A existência de dois Brasis, um rico (o do litoral), outro pobre (o do interior), ainda é triste realidade. Nossos erros no combate à seca, já apontados por Euclides, ainda continuam. E entre as causas econômicas da pobreza daquela rude gente, nosso autor alinha os vastos latifúndios e a monocultura. Pois bem, os latifúndios ainda estão aí e a monocultura, primeiro do açúcar, depois do café, parece querer voltar, pois em virtude da crise energética, paira sobre nós a ameaça de o Brasil se tornar em um só e imenso canavial...

Mas, não é só em Os Sertões que vamos encontrá-lo corajoso, patriota, nacionalista, acusador, invectivo até e sempre atual. Em CONTRASTES E CONFRONTOS e A MARGEM DA HISTÓRIA esse mesmo Euclides está presente e de uma forma tão viva e lúcida que, dir-se-ia, um profeta anunciando e denunciando em 1904, o que iria ou poderia acontecer no Brasil nos meados do século. É esse lado profético de Euclides, é a sua indiscutível atualidade que desejamos mostrar, ainda que perfunctoriamente neste despretensioso trabalho.

No seu artigo FAZEDORES DE DESERTOS (de Contrastes e Confrontos) vemos um Euclides preocupado, já em 1904, com a ecologia (quando ninguém ligava para isso), criticando o desmatamento, a queima de árvores para se conseguir o combustível único das nossas locomotivas, reconhecendo que “temos sido um agente geológico nefasto e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia”, para acrescentar: “...Na agricultura do selvagem era instrumento

preeminente o fogo. Veio depois o colonizador e copiou o processo”.

Em PLANOS DE UMA CRUZADA, o mais longo estudo de Contrastes e Confrontos, insiste Euclides na redenção de territórios abandonados; critica a nossa incapacidade criadora de combater a seca e apresenta várias sugestões. Segundo Camargo Monfrê, tudo o que se fez de positivo no Brasil contra a seca depois de 1930, foi sob influência de Euclides da Cunha.

Não há brasileiro hoje que, amando deveras a Pátria, não se sobressalte ante uma política que permite essa aberração conhecida por PROJETO JARI, um quase “enclave” dentro da Amazônia. Pois bem, no artigo de Contrastes e Confrontos, ENTRE O MADEIRA E O JAVARI, Euclides faz suas as palavras de Tavares Bastos: “O Amazonas é uma esperança”; com Humboldt, acredita que aí, “mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do Globo”; mas de forma pessimista conclui seu raciocínio, naturalmente depois de fazer algumas ressalvas que “a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, como se despega um mundo de uma nebulosa — pela expansão centrífuga do seu próprio movimento”. E aqui sinceramente torcemos para que Euclides da Cunha tenha errado...

Em UM VELHO PROBLEMA, artigo escrito a 1.º de maio de 1904 a propósito do Dia do Trabalho, disserta ele sobre questões trabalhistas; fala sobre o capital, o trabalho, a produção, o uso da terra e, numa época em que ninguém tinha coragem de abordar o assunto, com destemor afirma: “A força única da produção é o trabalho”. “Nem a terra, nem as máquinas, nem o capital produzem sem o braço do operário”. E já no longínquo ano de 1904, defendia o direito de greve. Sua preocupação com a interiorização do Brasil é uma constante em A MARGEM DA HISTÓRIA. No capítulo TRANSACREANA, sugere a construção de uma estrada de ferro cortando o Acre e promovendo a integração daquela esquecida área. E de algum modo, deixadas de lado as intenções políticas e a pressa com que foi iniciada, já temos a Transamazônica, numa tentativa incompleta de integração, mas no fundo uma idéia de Euclides da Cunha. E atente-se para a semelhança dos nomes.

Em VIAÇÃO SUL-AMERICANA fala das nossas deficiências no setor ferroviário; idealiza uma estrada que ligue São Paulo à Bolívia, realidade hoje. A atual Noroeste do Brasil já havia sido planejada por ele. Nesse mesmo artigo, discorre sobre a necessidade de se apro-

Ivo Vannuchi
São Joaquim da Barra, SP

veitar a energia dos nossos rios. Isso no começo do século. E eis: Urubupungá, Furnas, Três Marias e principalmente Itaipu.

Em RIOS EM ABANDONO de A Margem da História, persiste na mesma tecla. Descreve nossos rios como caminhos de penetração; estuda a possibilidade de serem aproveitados para a navegação; isso nos albores de 1900. A respeito do Purus, é taxativo: “O Purus é um enfeitado, precisamos incorporá-lo ao nosso progresso”. Já no primeiro capítulo do livro, isto é, NA AMAZÔNIA, TERRA SEM HISTÓRIA, insurge-se contra as injustiças que se cometem contra o nosso marginalizado seringueiro, lança verdadeiro libelo contra as arbitrariedade praticadas e exige para uma época em que nem sequer havia eles uma lei trabalhista justa, isso em uma época em que nem sequer havia leis para os operários urbanos dos grandes centros do país. Tal preocupação continua em CLIMA CALUNIADO, onde o assunto é outra vez a colonização do Acre. Para ele, o brasileiro aí, mais que vítima do impaludismo, é um exilado na própria pátria, em paragens em que tudo falta desde organização política até uma assistência trabalhista e chega a esta amarga e paradoxal conclusão: “O homem aí trabalha para escravizar-se!” O mesmo tema é tratado em OS CAUCHEIROS, que eram os peruanos que exploravam o nosso pobre seringueiro e nos fazem, não sabemos por quê... pensar nas multinacionais de hoje.

Nestes dois últimos artigos, Euclides da Cunha deixa-nos entrever uma como lei das selvas e, perfilhando a discutidíssima teoria de Gumplowics, admite que “a seleção aí é natural. Os mais fracos sucumbem ante os mais fortes ou... ao clima”. Um comentário se impõe: ontem como hoje, pouco mudou...

As migrações internas também mereceram análise do nosso grande escritor e ele as viu como um problema que tenderia a agravar-se. É sobre isso que versa seu trabalho BRASILEIROS de A Margem da História.

Dada a exigüidade de espaço não podemos continuar focalizando outros aspectos de suas duas obras ditas menores e que corroborariam a nossa tese de que Euclides da Cunha é um escritor quase profético e sempre atual. Mas, onde essa visão profética mais nos empolga é em MARTIN GARCIA, importante capítulo de A Margem da História em que, entre outras coisas, discorre sobre o problema, atualíssimo ainda hoje, do mar territorial. É impressionante como Euclides o aborda, assegurando

que essa nunca será uma questão definitiva, ficando sempre à mercê de legisladores desse ou daquele país, prevalecendo acaso os caprichos dos mais poderosos. Transcrevemos só um trechinho: “E removem da discussão, simplificando-a, aquelas regras instáveis das demarcações das águas jurisdicionais, que intermitem a variarem em todos os convênios, sempre mudáveis, sempre provisórias no recortarem as faixas dos mares territoriais, que hoje se alargam

entre os limites extremos de três e cinco milhas, e serão amanhã mais largas”! Três ou cinco milhas no começo do século; doze depois; duzentas milhas atualmente, e já se fala em se restabelecerem as doze milhas convencionais.

Com este ligeiro apanhado dos estudos feitos por Euclides da Cunha, estudos que constituem o arcabouço de Contrastes e Confrontos e A Margem da História, intentamos revelar aos possíveis leitores aspectos de um outro Eucli-

A linguagem de Euclides da Cunha

Márcio José Lauria
Presidente do Grêmio
Euclides da Cunha
São José do Rio Pardo, SP

em face das potencialidades expressivas de um idioma.

Já vai longe o tempo em que com uma frase de efeito Buffon pôde montar sua idéia de estilo: “Le style c’est l’homme même” ou mais economicamente em português: *o estilo é o homem*, o que levou um escrito irônico a afirmar que essa assertiva também valia para as escritoras! Mas estilo não é só homem. É seu tempo e sua história. Daí a necessidade de se falar em *estilo individual* e *em estilo de época*, ou seja, o que condições sociais, políticas e culturais fazem atuar sobre o escritor, impondo no que ele escreve, alguns traços comuns a todos escritores de seu tempo.

Euclides é fruto de um estilo de época bem definido — o da virada do século XIX, com as influências do materialismo, do positivismo, do determinismo, do cientificismo (com o que ele seria catalogado justamente como realista), mas fortemente impregnados de uma visão crítica da vida nacional tendente a descobrir-lhe as componentes do caráter — o que faz dele, junto com Graça Aranha, Lima Barreto e Monteiro Lobato, um dos *pré-modernos*, na classificação mais ou menos recente de Alceu Amoroso Lima.

Desde longínquas épocas se afirma que o estilo se compõe de *forma* e de *conteúdo*, o que é colocação mais que simplista, porque forma e conteúdo são inseparáveis até do ponto de vista empírico: ambos se localizam no texto e se concentram num único objeto — a palavra escrita.

Embora assim una e indivisível no aspecto “estilo”, a obra literária é passível de análise imaterial e abstrata, mas na prática tendem a confundir-se forma e conteúdo através do estabelecimento de uma unidade globalizante e indissolúvel — a *estrutura*, entendida então como um sistema de signos que servem a um objeto estético específico.

Textos euclidianos têm sido submetidos a análises minuciosas, dentro e fora de *Os Sertões*. Eu mesmo já publiquei estudos mais ou menos alentados sobre os excertos para mim mais significativos do universo de Euclides. Assim

fiz com “Judas-Ahsverus”, a admirável página de *A margem da História*, e com “Higrômetros Singulares”, com “Últimos Dias”, ambos de *Os Sertões*. Mais recentemente publiquei trabalho teoricamente mais abrangente, “Em busca dos traços estilísticos de Euclides”. Em todos estes mergulhos em textos específicos, pude pinçar alguns elementos que ofereço como resposta pessoal à indagação do Dr. Galotti. Pena que numa revista como esta não tenha talvez cabimento a transcrição de alguns dos textos em que tenho podido comprovar a presença daquelas características que invariavelmente se fazem presentes no discurso euclidiano, garantindo-lhe, malgrado os desvios momentâneos de gostos, o lugar que desde 1902 vem ocupando na literatura brasileira: um estilista original e inconfundível.

Explicada a impossibilidade de uso de textos, aí vão minhas descobertas sobre os traços essenciais da linguagem de Euclides:

1. *Precisão verbal*. Euclides, antecipando-se às conclusões semânticas de nossos dias, percebeu que não existem sinônimos. Por isso, deu à sua frase um tom solene e difícil, muito de acordo, aliás, com a tensão épica que permanentemente a ilumina. Entre empregar o termo menos comum, mas corretíssimo e expressivo, e não obrigar o leitor a recorrer freqüentes vezes ao dicionário, Euclides fica sempre com a primeira alternativa. Apesar disso, não ultrapassa os 10 mil vocábulos (contra os 30 mil de Coelho Neto, por exemplo), dos 200 mil disponíveis em língua portuguesa.

2. *Predomínio da coordenação*. Contrariamente ao uso comum de seus contemporâneos (Machado de Assis, em especial), em Euclides a incidência de orações coordenadas, em relação às subordinadas, se dá numa proporção não muito diferente de 5 por 1. A coordenação é enfatizada pelo uso consciente do assíndeto e do polissíndeto.

3. *Adjetivação abundante*. Difícil em Euclides o substantivo empregado sem uma qualificação, o mais das vezes pessoal e metafórica. Daí sua facilidade em

aproximar-se do pleonasma, em sintagmas como “credulidade infantil”, “via-gem sem destino e sem fim”.

4. *Presente histórico.* Mesmo ao narrar fatos temporalmente remotos, EC presentifica as ações, como se ele e seus leitores passassem a ser testemunhas visuais dos eventos.

5. *Dinâmica gerundial.* Como nenhum escritor brasileiro e como Eça de Queirós superando a pecha de “galicista”, Euclides percebeu a movimentação que o gerúndio empresta à fase. A isso se liga a contínua presença da *personificação*, com o que em muitas páginas euclidianas as montanhas, as árvores, os elementos da natureza, enfim, assumem posturas típicas do comportamento humano.

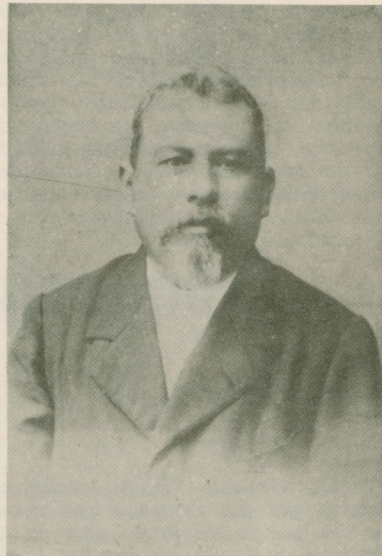
6. *Uso abusivo do superlativo*, seja na forma tradicional (*velocíssimas*), seja por meios sucedâneos (*inflexivelmente retilíneo*, *tocaias traiçoeiras*).

7. *Alternância de parágrafos*, os longos funcionando como verdadeiras *demonstrações*, e os curtos empregados à guisa de *conclusões*.

8. *Usos incommuns das reticências.* Elas assumem no texto euclidianos funções que não as de ironia e suspensão de sentido. O próprio livro *Os Sertões*

termina por reticências (“É que não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...”), num claro convite a que o leitor reflita sobre a triste realidade que lhe foi dado conhecer.

Aí estão os que considero dos principais traços estilísticos de Euclides. Acrescente-se a eles sua clara preferência por dois processos retóricos: a *antínomia* (oposição de palavras, de frases, de conceitos) e a *intensificação* (uso de termos e expressões que potenciam a apreensão do objeto pela palavra). Mas esses recursos formais pouco acrescentariam à literatura brasileira se não fossem o *caráter reivindicatório* de sua obra e a *função sintonizadora* de sua mensagem. A posição de Euclides é sempre a de advogado dos indefesos, assim como sua obra consegue interessar aos homens de todas as épocas através da utilização de elementos vitais, como a miséria, a injustiça, o heroísmo, a própria morte, que, *por serem comuns à condição humana*, estabelecem entre o escritor e o leitor uma profunda *simpatia*, independentemente do espaço e do tempo em que se dá esse encontro, que tem por veículo a simples palavra escrita.



Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, pai.

Apresentação de Os Sertões

Célia Mariana Franchi F. da Silva.
Manoel Roberto Fernandes da Silva
Caconde, SP

A obra-prima de Euclides da Cunha tem muito mais fama do que leitores. A parte os especialistas e discípulos fiéis, é comum assustar-se com suas peculiaridades técnicas e lingüísticas, desistindo-se da leitura. Trata-se, porém, de um livro fundamental e apaixonante, sempre atual, espécie de fonte inesgotável que a cada retomada desvenda riquezas novas.

Destinado primeiramente a historiar a Campanha de Canudos (Bahia, 1897), cresceu em extensão e profundidade até tornar-se um documento dramático do sertão semi-árido nordestino e da tragédia de seu habitante.

Sua primeira parte (*A Terra*) é mais do que a simples construção de um palco para os acontecimentos. O solo árido, recrestado e exsicado, o clima hostil, a vegetação tolhida e agressiva, o isolamento geográfico que fez do sertão a “terra ignota” não são apenas dados técnicos de verificações e pesquisas — mas formam a *Terra*, gigantesco personagem trágico em constante diálogo de amor e morte com o protagonista. Tanto é assim que “o martírio do homem, ali, é reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da Terra...”

O *Homem*, mestiço “purificado” pe-

lo isolamento, constitui, “inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída”, forte, embora magro e desleante. Modelado à feição do meio, reflete todas as conseqüências do isolamento físico e cultural que experimentou durante três séculos: é retrogrado, sem ser degenerado; religioso e supersticioso; simples e crédulo, facilmente influenciável por líderes carismáticos.

Antônio Conselheiro era um destes. Anacoreta severo e sombrio, galvanizava as multidões, que o seguiam processionalmente de vila em vila, rezando, reconstruindo igrejas e cemitérios, peregrinando em busca do Reino. Em 1893, depois de um incidente com a polícia, reuniu seus adeptos numa velha fazenda de gado à margem do Vaza-Barris, nascendo assim o arraial de Canudos: um amontoado de casas de pau-a-pique construídas às pressas, habitadas por uma população multiforme de sertanejo simples, beatas, ricos proprietários que abandonavam tudo em busca da salvação, bandidos que ali achavam abrigo seguro. A principal norma de vida era rezar às horas certas; a moral era elástica e os inevitáveis saques e tropelias nas redondezas eram tolerados com complacência.

O Conselheiro pregava contra a Re-

pública — o Anticristo — sem o mais páldio intuito restaurador, pois os sertanejos, no seu atraso cultural, eram tão inaptos “para aprender a forma republicana como a monárquico-constitucional”, pois estavam “na fase evolutiva em que só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro”. Foram, contudo, rechaçados como agitadores monarquistas, quando eram na verdade vítimas inevitáveis de um atraso cultural de três séculos, a reclamarem providências integradoras e não combate armado.

A *Luta* começou com um “incidente” desvalioso: como o juiz de Juazeiro (Bahia) se recusasse a entregar aos jagunços certas tábuas para a construção da igreja nova de Canudos, o Conselheiro ameaçou invadir a cidade. A reação foi imediata: 100 homens chefiados pelo Tenente Pires Ferreira, que não conseguiram derrotar os sertanejos e debandaram assustados com a coragem do inimigo (novembro de 1896).

Seguiram-se três expedições militares (1897) chefiadas, respectivamente, pelo Major Febrônio de Brito, Coronel Moreira César, Generais Artur Oscar e Savaget. O contingente das tropas aumentava de uma para a outra — mas, desconhecendo as condições do meio, não

conseguiram derrotar os jagunços, em patente minoria. Por isso a luta assumia uma “feição misteriosa”. A vitória da República só se concretizou quando para lá se dirigiu o próprio Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt, que reformulou tragicomicamente os planos de ataque: passou a alistar muare para o transporte de víveres, mantendo bem alimentadas as tropas, de sorte que o animal mais vilipendiado da História assentou dominadoramente suas patas entaloadas sobre uma crise — e esmagou-a...

Morreu o Conselheiro e também os principais jagunços (Pajeú, Vila Nova, etc.). Canudos sucumbiu a 5 de outu-

bro de 1897, quando foram vitimados seus últimos defensores: um velho, dois homens feitos e uma criança, “na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”. Foi um crime.

Por isso *Os Sertões* são um livro vitorioso. O determinismo científico do tempo, perfilhado por Euclides, acenava para a inevitabilidade da tragédia: um choque de culturas em estágios diferentes, um confronto entre uma raça fraca e uma forte só poderia resultar no esmagamento da primeira pela segunda; é a “força motriz da História” segundo Gumplovicz, citado por Euclides. Por que então lamentar? Euclides tinha em mente, com toda a certeza, o caráter alta-

mente ético de toda tragédia, espécie de “flendo castigat mores”. Embora cientificamente o desenlace esteja previsto, não é possível conhecê-lo sem lastimá-lo; há uma grande lição para tirar-se, a fim de que no futuro se evitem condições que propiciem acontecimentos semelhantes. A denúncia do crime conduz à catarse, ao alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral — além de colocar em pauta, sem meios tons, o eterno problema da opressão dos fracos pelos fortes.

Os Sertões nunca perderão o sabor e a atualidade. Quem se debruça uma vez sobre suas páginas sempre volta a fazê-lo — e nunca fica decepcionado.

A Hemeralopia entre os sertanejos, na descrição de Euclides da Cunha

Adelino Brandão

Jundiaí, SP

Definida como uma das muitas *doenças carenciais*, a hemeralopia ou nictalopia — também conhecida universalmente e de longa data como “cegueira noturna” (*night blindness*) — caracteriza-se pela diminuição da acuidade visual à luz moderada, e incapacidade de adaptação da vista à diminuição da claridade ambiental. O sujeito fica “cego” durante a noite ou em ambiente parcialmente iluminado.

EUCLIDES DA CUNHA deparou com a doença entre os sertanejos da Bahia; e ao fazer o levantamento da vida do homem de Canudos, assim registrou o fenômeno patológico:

“A noite, a suçarana traiçoeira e ladra, que lhe rouba os bezerros e os novinhos, vem beirar a sua rancharia pobre.

“É mais um inimigo a suplantar.

“Afugenta-a e espanta-a, precipitando-se com um tição aceso no terreiro deserto. E se ela não recua, assalta-a. Mas não a tiro, porque sabe que, desviada a mira, ou pouco eficaz o chumbo, a onça, “vindo em cima da fumaça”, é invencível.

“O pugilato é mais comovente. O atleta enfraquecido, tendo a mão esquerda a forquilha e à direita a faca, irrita e desafia a fera, provoca-lhe o bote e apara-a no ar, trespassando-a de um golpe.

“Nem sempre, porém, pode aventurar-se à façanha arriscada. Uma moléstia extravagante completa a sua desdita — a hemeralopia. Esta falsa cegueira é paradoxalmente feita pelas reações da luz; nasce dos dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra nua.

É uma plethora do olhar. Mal o sol se esconde no poente a vítima nada mais vê. Está cega. A noite afoga-se de súbito, antes de envolver a Terra. E na manhã seguinte a vista extinta lhe revive, acendendo-se no primeiro lampejo do levante, para se apagar, de novo, à tarde, com intermitência dolorosa.” (OS SERTÕES, 1975, Editora Três, São Paulo, Vol. I, pp. 148-149).

Sabemos, hoje, que a moléstia se deve a uma avitaminose: a ausência de vitamina A no organismo, embora possa ter outras causas. Em regra, porém, admite-se que uma dieta inadequada, com falta dessa vitamina, pode ocorrer com deficiência primária à base do distúrbio da atividade visual (VITALE, Joseph J, “Doenças Carenciais”, in ROBBINS, *Patologia Estrutural e Funcional*, trad., 1975, Editora Interamericana).

Essa “falsa cegueira”, como a chamou EUCLIDES, não tem, pois, por causa as “reações da luz”; nem se origina “dos dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra nua”, conforme a explicação do Escritor.

Justifica-se a conclusão euclidianas. Na ocasião em que o historiador de Canudos escrevia sua obra máxima, a Ciência dava os primeiros passos nas experiências que levariam à descoberta dos compostos orgânicos específicos, depois batizados com o nome de *vitaminas*. Nada se sabia também sobre o papel destas nas reações bioquímicas dos organismos humanos.

De fato, datam de 1897 (ano da elaboração de *Os Sertões*) as primeiras observações do cientista CHRISTIAAN

EIJKMAN, que como oficial-médico em serviço nas Índias Orientais Holandesas (Indonésia) estudou o beribéri, concluindo que a doença era motivada pela ausência de um “elemento” qualquer (hoje identificado como o complexo vitamínico B) na alimentação dos pacientes. EIJKMAN notou que as populações “brancas”, mais ricas, da Indonésia, que se alimentavam de arroz mais limpo, branco e bem polido, eram atacadas de beribéri, ao passo que os nativos pobres, que se alimentavam de arroz “sujo”, não polido, integral, com o cortex, ficavam imunes à doença. Depois de várias experiências com frangos, o médico demonstrou que o beribéri é fruto de uma dieta alimentar carente.

Com efeito, a vitamina B¹, encontrada no cortex (casca) do arroz, é eliminada com o polimento. Suprida a cárcia, a moléstia desaparece. Deste ponto, os cientistas partiram para a verificação de que várias outras doenças, como o escorbuto, o raquitismo, a hipoprotrombinemia, etc., não são causadas por germes patogênicos ou micróbios, mas simplesmente pela não ingestão dessas substâncias ou ausência delas nos processos biocatalisadores dos alimentos ingeridos.

Isto, porém, só muito depois de EUCLIDES ficou estabelecido. De fato, a existência da vitamina A só foi reconhecida claramente em 1913, com os trabalhos de McCOLLUM, M. DAVIS, T. B. OSBORNE e L. B. MENDEL, e a natureza química dessa substância apenas foi identificada em 1933, ou seja, trinta e um anos depois do surgimento de *Os Sertões*.

Atualidade e permanência de “Os Sertões”

I

Atualidade/permanência estão indissoluvelmente interligados. Confundem-se até certo ponto. Completam-se. Assunto amplo e complexo, tem merecido a atenção de diversos estudiosos.

Em estudo intitulado “Atualidade de “os Sertões” da autoria do Prof. Ivo Vanucchi (in “Suplemento Euclidiano .III — agosto, 1980) lê-se: “Muitas injustiças, situações, desvios, fatos que Euclides perfiligou, ainda hoje existem e, não obstante, poucas vozes se alteiam contra eles. Mas, precisamente porque o painel geral pouco se alterou é que Euclides da Cunha ainda permanece e sempre atual”.

Naturalmente elementos outros, tais como a força de expressão e de representação, devem ser tomados em consideração. Da mesma forma a transfiguração, sem alterar propriamente a realidade.

A atualidade e permanência de Euclides da Cunha é corolário de sua obra máxima: “Os Sertões”. A mais representativa na literatura nacional, por suas características singulares: *forma e conteúdo*, binômio inseparável, e, especialmente, a *força da mensagem*.

O princípio estrutural e a substância temática aparecem intimamente conectados através de um forte elo: a construção estética do texto. Forma e conteúdo compõem a *estrutura*. Harmonia e ritmo constituem a *estética*. Todo esse conjunto é que define o *estilo*.

As presentes notas centralizam nossa atenção em “Os Sertões”, o que não significa que sejam de menor interesse os escritos anteriores ou os elaborados posteriormente.

II

M. Cavalcanti Proença, em se estudo “Do Sertão à Pancada do Mar”, (in “Rev Civ. Brasileira — março, 1966 — págs. 151/154) tratou do assunto nos seguintes termos: “Cem anos do nascimento do autor, mais de sessenta da publicação do seu livro máximo que, portanto, atingiu a idade provecta, justificam bem uma meditação sobre as causas da sobrevivência da obra escrita com risco de se tornar uma reportagem contemporânea, incapaz de resistir à asfixia do pó do tempo”.

Apesar da transfiguração da arte, impõe-se pela realidade agressiva que chega aos nossos dias. Não importa que eventos históricos tenham sido envolvi-

dos em roupagem de romance, o que dá a falsa impressão de *ficcional*. Escreve ele: “Aqueles cangaceiros apaziguados e arrebanhados defronte da igreja, na hora da prece vespertina, são, entretanto, apesar de transfigurados pela arte, tão reais, que sua atualidade veio até Lampião e até aquele Pedro das Ligas Camponesas, assassinado na Paraíba de nossos dias...”

Ao lado de sua linguagem específica e individual, indica um “segundo elemento que dá a “Os Sertões” qualidade de sobrevivência: o assunto que é brasileiroíssimo, tratado numa linguagem que tem a marca do barroco brasileiro, de profunda afinidade com o gosto popular”.

É o seu brasileiroismo e, até certo ponto, o seu “ufanismo” que lhe garante a perenidade. “...Euclides continua. E, com ele, tantos anos depois, continuamos a acreditar no povo brasileiro, que é o “cerne da nacionalidade”. Inatacável de qualquer cupim, metafórico ou não”.

III

O Prof. Márcio José Lauria (“A Permanência de Euclides” — in “Gazeta do Rio Pardo” — 13 e 20 de jan. 1980) dedica dois artigos ao assunto. Afirma ele: — “Num país de memória curta como o nosso, poucos são os escritores que sobrevivem ao seu tempo ainda que bafejados pelo prestígio quando em vida”.

Ressaltamos duas afirmativas de suma importância para melhor compreensão da matéria: — “O compromisso inicial de Euclides não foi com a literatura”. “A invasão do terreno artístico-literário por Euclides deveu-se ao senso inato do épico, que lhe domina toda a frase”.

Afirma a seguir: — “Tomando-se a precaução de não igualar *atualidade* com *permanência* (Os Lusíadas é um livro permanente, mas não atual), pode-se dizer que *Os Sertões* é ainda uma obra atual, tais e tantas as questões que levanta e que hoje nos dizem respeito no campo da demora cultural, do enquistamento social, dos desníveis regionais”.

Além de outras considerações, sobreleva: “Essa capacidade de filtrar e de transfigurar a realidade bem pode atender pelo nome de *ficção*, deste modo presente em *Os Sertões* e em outras páginas de Euclides”.

Para concluir: — “Em suma: / É pela função *sintonizadora*, pelo *sinfronis-*

Moisés Gicovate
São Paulo, SP

mo irradiante de tantas páginas suas que o grande escritor conseguiu êxito na tarefa que se lançou, não prevendo talvez sua trajetória literária: interessar aos homens de todas as épocas através da utilização de elementos vitais, como a miséria, a injustiça, o heroísmo, a abnegação, a própria morte, que, *por serem comuns à condução humana*, ultrapassam as barreiras ambientais e estilísticas, para estabelecerem entre a obra e o autor uma *simpatia*, com toda a carga etimológica do termo, independentemente do espaço e do tempo em que se dá esse encontro, que tem por veículo a simples palavra escrita”.

IV

Pelo exposto acima verificamos que a *atualidade* é o esteio da *perenidade*. Teríamos a considerar: forma/conteúdo/mensagem.

O estilo, por si só, não bastaria. Constitui o colorido, a moldura do quadro geográfico/histórico e antropossociológico. A estrutura da obra é fator a ser considerado. Revela uma realidade social. É o retrato vivo de uma época. O instantâneo de um momento histórico de nossa pátria — que perdura quase inalterável. O estilo dá o relevo, a inflexão, o colorido, a profundidade, a grandeza, a beleza estatutária, evidenciando e retratando a ampla visão de uma realidade.

Coube a Silvio Romero mostrar que aos críticos da época impressionou o “estilo” de “Os Sertões”, escapando-lhes — receiosos — o verdadeiro sentido da obra, a mensagem, o conteúdo social.

Impõe-se Euclides da Cunha pela forma/conteúdo, “binômio inseparável”, pela mensagem sempre atual, pelo estilo épico e dramático, pela sintonia com os leitores, pela simpatia e mesmo empatia, que vencem as barreiras de uma linguagem difícil, rebarbativa e arrevesada. A grandiosidade de sentimento humano, impregnado de brasileiroismo e de brasilidade, de “ufanismo”, de denúncia (“loucuras e crimes das nacionalidades”). *Ficcional*, sem ser *ficção*.

V

A amplitude e complexidade do assunto, ligados à angústia do espaço que nos foi concedido — três laudas apenas — são fatores que limitam e prejudicam a explanação, impeditivos, ao mesmo tempo, de compreensão mais clara do assunto.

Uma pesquisa à margem dos textos d'O Estouro da Boiada

Emerson Ribeiro Oliveira
Do Centro de Estudos Euclides da Cunha — São Paulo, SP

não tinha necessidade de basear-se em ninguém, para escrever ou descrever este ou aquele assunto. Quem quisesse conferir, basta ler apenas dois trabalhos de Rui, intitulados: “Pornéia” e “A Rebenqueida”, às páginas 194 e 249 da Coletânea referida. Ali o leitor encontrará algumas dezenas de sinônimos das palavras “Meretriz” e “rebenque”.

Teria sido Alencar, o primeiro escritor a escrever “O estouro da boiada”? Lemos e relemos algumas edições de “O Sertanejo”, e nada encontramos que se referisse ao estouro da boiada, pois o livro em pauta se apresenta com acentuadas características do romance histórico do romantismo, e tem as origens de sua inspiração na infância do escritor, quando se deixava emocionar, ouvindo o romance popular do Boi Espaço.

Mas, quem teria, então, escrito ou descrito primeiro no Brasil “o estouro da boiada”? Não podemos afirmar, com certeza, mas podemos informar que o registro mais antigo que encontramos em nossa pesquisa, foi o de Franklin Távora, em seu romance histórico “Lourenço” — 1.ª Ed. 1881, às págs. 136 a 138, considerado por Silvio Romero como “a obra prima do Autor.”

Quem nos garantirá que antes de Távora, outro escritor brasileiro não tenha descrito o estouro da boiada?

Quanto à página de Euclides, por certo uma das mais belas de “Os Sertões”, há uma série de versões.

Silvio Rabelo em “Euclides da Cunha”, 2.ª Ed. página 146, registra duas:

A primeira é aquela história do bilhete de um vaqueiro dando notícia ao patrão, do estouro de sua boiada.

A segunda, é o “desafio” de José Honório de Silos, feito a Euclides, para se apurar quem seria capaz de fazê-lo com mais fidelidade. Estamos falando do “estouro da boiada”.

Sobre esse assunto, a versão mais espetacular do famoso “duelo”, é descrita por Viriato Correa na “Última entrevista feita com Euclides”, publicada pela “Ilustração Brasileira”, em agosto de 1909, mês e ano de seu trágico desaparecimento e reproduzida, por certo, em inúmeros jornais e revistas brasileiras.

A Revista do Livro, órgão do I.N.L., n.º 15, Ano IV, Setembro de 1959, publica a referida entrevista às págs. 173/176.

Ao final, há as seguintes notas:

“Há muitos pontos discutíveis na famosa entrevista de Viriato Correia. Quanto ao caso do caipira que emprazou com o escritor fazer uma descrição do “estouro da boiada”, para depois cotê-la com a dele, Euclides, Olímpio de Sousa Andrade, em artigo recente publicado no “Correio da Manhã” dá como verdadeira uma versão completamente diversa. O caso não se verificara com nenhum caipira, mas com José Honório de Silos, homem culto, que costumava fazer sua literatura, não tendo fundamento o episódio descrito por Viriato, do caipira rasgar em pedacinhos suas descrições, na medida em que Euclides lia a bela página, incluída depois em “Os Sertões”. Na realidade, parece-nos mesmo fantástica a figura desse caipira descrito por Viriato, querendo apostar com “seu dotô” quem reproduziria melhor a cena do “estouro da boiada”.

Em Cadernos do Hora Presente, n.º 3, há um trabalho do próprio José Honório de Silos, intitulado “Reminiscências de Euclides da Cunha”, citado também por Sousa Andrade. Confira às páginas 87 a 93, II Capítulo, intitulado “Jerônimo Picui”.

O curioso em tudo isso, é que José Honório não faz a mais leve referência ao episódio do “duelo”.

Confrontando-se os “estouros” de Franklin e Euclides verificamos a coincidência de termos e frases usadas por Euclides, os quais já haviam sido utilizadas por Franklin. Senão vejamos.

Franklin Távora
arbustos acamam-se
bater dos chifres
som soturno
a boiada arranca

Euclides da Cunha
acamam-se as caatingas
marulho de chifres
ruído soturno
a boiada arranca

Coincidência ou não, aí fica o registro, mormente sabendo-se que Euclides deveria ter conhecido toda a obra do escritor cearense, pois ao pé da página 223 (2.ª ed. 1903), faz referência a “O Cabeleira”, um dos romances de Franklin Távora.

Este trabalho é apenas um “resumo” da pesquisa que efetuamos, para deslindar os mistério d'o estouro da boiada.

Ficamos por aqui.

XIII

Euclides da Cunha na Escola Militar (aspectos biográficos)

Oswaldo Galotti
São Paulo, SP

No confronto de algumas biografias ou de estudos biográficos sobre Euclides nenhuma fase de sua vida se nos apresenta com mais desencontros de datas/fatos do que o "período da Escola Militar", que vai de 1886 a 1896.

Isso desperta curiosidade para investigação.

Foi no Arquivo do Exército, no Rio, que pudemos encontrar fontes que poderiam servir de "documentos básicos" para esclarecimentos sobre essa fase.

As atenções da eficiente direção e dos funcionários do referido Arquivo facilitaram sobremaneira o trabalho realizado.

A "fé do ofício" de Euclides, assinada pelo General João Manoel de Lima e Silva, em 14 de agosto de 1896, e ainda mais os rascunhos e borrões que a acompanham, e os almanaques do Ministério da Guerra, de 1892 a 1895, esclarecem sobre vários fatos e datas que os biógrafos discordam entre si.

Por esse motivo resolvemos trazer ao conhecimento dos interessados o conteúdo da ficha individual de Euclides, na sua passagem pela Escola Militar do Rio de Janeiro.

Fomos obrigados, devido à exiguidade de espaço, resumir esse documento e apresentá-lo, em outro local desta Revista, de maneira esquemática, observando com o máximo rigor o trabalho original. Apresenta-se aqui com o título: FÉ DE OFÍCIO DE EUCLIDES RODRIGUES DA CUNHA.

O documento é de bastante valor porém o fato de ser resultado de outros informes manuscritos (ordens do dia, portarias, decretos, etc) poderá conter naturais enganos do copiadador. Por isso somos de parecer que estas investigações devam continuar e numa próxima pesquisa se consultar, individualmente, as trinta e três ordens do dia, as oito ordens regimentais, as vinte portarias, os cinco decretos, etc. para uma conferência que se torna recomendável. É um estudo que poderá demorar ainda alguns meses.

Pelo que conseguimos apurar, Umberto Peregrino — especialista em estudos sobre aspectos militares da vida de Euclides — em seu magnífico trabalho "Vocação Militar de Euclides da Cunha" (Biblioteca do Exército, 1957) foi dos raros autores a manusearem os referidos "documentos básicos", os quais ele enriqueceu com importantes e esclarecedoras informações subsidiárias.

No desenvolvimento esquemático da "fé de ofício" de Euclides que consta da página seguinte resolvemos acrescentar algumas "chamadas", inse-

ridas no texto, numeradas de 1 a 15, e que corresponderão a esclarecimentos sucintos sobre certos fatos ali citados.

Essas explicações são, na maioria, baseadas no "Vocação Militar de Euclides da Cunha", de Umberto Peregrino.

São elas:

- 1 — Euclides nasceu na "província do Rio de Janeiro", hoje Estado do Rio de Janeiro. Não nasceu na cidade do Rio de Janeiro como o documento poderá dar impressão.
- 2 — Euclides foi bom aluno na Escola Militar; é o que se desprende das notas plenas alcançadas nos exames.
A 1.ª Cadeira era composta de Geometria Analítica, Cálculo Diferencial e Integral, sob a responsabilidade do Prof. Trompowsky.
A 2.ª Cadeira reunia Física Experimental e Química Inorgânica, ministradas pelo Prof. Conselheiro Francisco Carlos Luz.
Os Exercícios Práticos reuniam: exercícios físicos (predominando a natação e o remo) e instrução militar que compreendia exercício de Infantaria, de Cavalaria, Formaturas (desfiles militares pelas ruas de Botafogo ou no próprio quartel). Müller, alemão, ensinava natação e remo, além de outros exercícios físicos.
- 3 — No 2.º ano, Euclides continua com seu bom nível de rendimento escolar.
Na 1.ª Cadeira estudou Arte Militar (Tática, Estratégia, História Militar, Fortificações passageiras e permanentes e Noções de Balísticas).
Podemos concluir que muito do rigor descritivo de A Luta, de Os Sertões, deve ter base nos estudos da Escola Militar.
A 2.ª Cadeira, Direito Militar compreendia: Noções de Direito Público e Natural, Direito Militar, Direito Internacional aplicado às relações de guerra: Análise da Constituição do Império. O professor era o Conselheiro Tomás Alves J.º.
- 4 — Os médicos do Hospital Central, do Morro do Castelo, pretendiam apresentar um laudo falso sobre o estado de saúde de Euclides, dizendo-o doente. Euclides ameaçou-os de dirigir-se à Academia de Me-

dicina e pedir novo exame médico e revelar o inexistente. Ele fazia questão de assumir a responsabilidade de sua atitude republicana.

- 5 — Euclides não foi submetido a Conselho de Guerra como informam alguns biógrafos. Foi um Conselho Disciplinar interno, da própria escola, o qual propôs que sua matrícula fosse trancada por tratar-se de "um caso de incapacidade física", na nítida intenção de não prejudicá-lo.
- 6 — Quando sua matrícula fora trancada, no fim do ano, ele já tinha direito a ser promovido a alferes aluno.
Prestou exame de algumas matérias para completar o Curso de Artilharia.
- 7 — A Escola Superior de Guerra, naquela época, compreendia três cursos: Artilharia, Engenharia e Estado Maior. Euclides tinha terminado o Curso de Artilharia e poderia continuar fazendo o Curso de Estado Maior, como o fez.
- 8 — A "licença com soldo e etapa" subentendia o direito do aluno continuar a receber o soldo e também uma suplementação para as despesas de alimentação.
- 9 — Essa colocação foi consequência do célebre pedido, especial, que fez a Floriano Peixoto, em 29 de janeiro de 1893, conforme carta a Lúcio Mendonça, em 1904. Dava-lhe direito a um ano de estágio.
- 10 — Interrompeu o estágio por um mês, entre julho/agosto, para lecionar na Escola Militar do Rio de Janeiro, na função de professor coadjuvante. Não temos informações porque não quis continuar lecionando.
- 11 — Volta ao estágio na Estrada de Ferro Central do Brasil depois de tê-lo interrompido para lecionar na Escola Militar.
- 12 — Euclides demonstrou, no período da Escola Militar, grande instabilidade no desempenho das atividades profissionais que aí assumiu. Em quatro anos, de 1892 a 1895, dos 26 aos 29 anos, passou por onze atividades diferentes!
- 13 — Na opinião de Umberto Peregrino, esse período de construção de fortificações no litoral

do Rio de Janeiro, durante a Revolta da Esquadra, 1893, pode ser considerado a sua mais importante realização na vida militar. Desempenhou grande atividade, sob os estrondos e estampidos dos combates.

Certifico que o oficial abaixo declarado tem no arquivo deste Corpo os assentamentos do teor seguinte:

TENENTE EUCLIDES RODRIGUES DA CUNHA, filho de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, nasceu em 1866, natural do Rio de Janeiro (1), cor morena, cabelos castanhos, lisos, olhos castanhos, sem ofício, solteiro e com 1,65 m de altura.

1886

Submeteu-se a inspeção de saúde tendo sido julgado apto para o serviço do Exército.

26 de fevereiro — assentou praça e jurou bandeira no Corpo de alunos da Escola Militar. Matriculou-se no 1.º ano do Curso Superior, sendo incluído no Estado efetivo da 2.ª Companhia, com o número 308.

3 a 6 de novembro — baixou à enfermaria.

1887

3 de janeiro — Aprovado no 1.º ano do Curso Superior, com as seguintes notas: 1.ª Cadeira, 8; 2.ª Cadeira, 9; Desenho, 7; Exercícios Práticos, 8. (2)

5 de janeiro — Dois meses de licença, sem vencimentos, para tratar de negócios de seu interesse na província do Rio de Janeiro.

1 de março — Matriculou-se no 2.º ano do Curso Superior da Escola Militar.

3 de março — Apresentou-se da licença em cujo gozo se achava.

31 de maio a 12 de junho — baixou à enfermaria.

7 a 9 de julho — baixou à enfermaria.

31 de agosto a 1 de setembro — baixou à enfermaria.

31 de dezembro — Sessenta dias de licença para tratar de saúde "onde lhe aprouver", licença iniciada a 4 de janeiro de 1888.

1888

25 de janeiro — Aprovado nos exames do 2.º ano do Curso Superior com as seguintes notas: 1.ª Cadeira, 8; 2.ª Cadeira, 7; Desenho, 7. (3)

1 de março — Considerado matriculado no 3.º ano do Curso Superior.

2 de março — Retornou da licença

14 — Segue em abril de 1894 para Campanha, MG e não para S. João Del Rei como dizem alguns biógrafos.

15 — No documento original, essa frase "Permissão para permanecer no Estado de S. Paulo du-

Fé de Ofício de Euclides Rodrigues da Cunha

solicitada em 31 de dezembro de 1887.

5 de junho — Transferência para a 1.ª Companhia, onde tomou o n.º 188.

18 a 20 de julho — Baixou à enfermaria.

27 de setembro — Nomeado Sargenteante da 2.ª Companhia por proposta do Comandante dessa Companhia.

4 de novembro — Baixou à enfermaria da Escola, transferindo-se, no mesmo dia, para o Hospital Militar "para ser observado". (4)

11 de novembro — Trancada sua matrícula por ordem do Ministério da Guerra, conforme termos do artigo 143, do Regulamento da Escola, de 17 de janeiro de 1874.

3 de dezembro — Desligado do Corpo de alunos. Ordem de apresentar-se do Hospital Militar, onde se achava, à Repartição de Ajudante General.

14 de dezembro — Baixa do serviço do Exército por incapacidade física, cumprida a partir do dia 26 de dezembro.

1889

19 de novembro — Determinação do Ministério da Guerra de ficar sem efeito a baixa do serviço do Exército que lhe foi dada em 14 de dezembro de 1888. (5).

21 de novembro — Promoção a alferes aluno. (6)

26 de novembro — Permissão para prestar os exames que lhe faltavam para completar o Curso de Artilharia.

1890

17 de janeiro — Matriculou-se na Escola Superior de Guerra. (7)

25 de janeiro — Prestação dos exames que lhe faltavam para completar o Curso de Artilharia.

15 de março — Concedidos 15 dias de licença para tratar de negócios de seu interesse no Estado de S. Paulo.

11 de abril — Conclusão do Curso de Artilharia.

14 de abril — Promovido a 2.º Tenente, da arma de artilharia.

19 de abril — Nomeado para a 4.ª Companhia do Batalhão Acadêmico.

31 de outubro — Transferiu-se do 2.º

rante o tempo de agregação." está inserida na entrelinha, como emenda, com uma letrelinha manuscrita miúda que muito se parece com a de Euclides. As pesquisas, portanto, continuarão.

Batalhão para o 2.º Regimento de Artilharia.

1891

2 de fevereiro — Licença de um mês, com soldo e etapa, (8) para tratar de sua saúde no Estado de S. Paulo.

8 de junho — Transferiu-se do 2.º Regimento de Artilharia para o 5.º Batalhão de Artilharia.

17 de dezembro — Nomeado subalterno da 3.ª Companhia do Batalhão Acadêmico.

1892

8 de janeiro — Completou o Curso do Estado Maior de 1.ª Classe, na Escola Superior de Guerra, de acordo com o regulamento de 9 de março de 1889.

9 de janeiro — Promovido ao posto Tenente, para o Corpo do Estado Maior de 1.ª Classe.

29 de janeiro — Nomeado Secretário da Escola Prática do Estado do Rio Grande do Sul (Escola Militar). (9)

1 de fevereiro — A disposição do Ministro da Agricultura a fim de praticar (como engenheiro) na Estrada de Ferro Central do Brasil. (9)

2 de julho — Nomeado Coadjuvante do Ensino Teórico da Escola Militar do Rio de Janeiro. (10) Assumiu a 13 de julho.

1893

16 de agosto — A disposição do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas a fim de praticar na Estrada de Ferro Central do Brasil. (11)

28 de outubro — Por ordem verbal do Ministro da Guerra, apresentou-se à Diretoria Geral de Obras Militares para aí servir.

20 de novembro — Nomeado para servir à disposição do General de Divisão Francisco Carlos da Luz.

22 de dezembro — Nomeado para servir provisoriamente na Diretoria Geral de Obras Militares.

1894 (12)

1 de fevereiro — Comunicado da Diretoria Geral de Obras Militares informando sua estada em janeiro nas obras de construção de fortificações, no litoral do Rio de Janeiro. (13)

28 de abril — Nomeado auxiliar da Diretoria de Obras Militares no Estado de Minas Gerais. (14)

1895

28 de maio — Considerado incapaz para o serviço do Exército após inspeção de saúde e parecer da junta médica.

28 de junho — Decretada sua transferência para o Corpo de Estado Maior de 2.^a Classe ficando a ele agregado, decisão esta baseada no

parecer do exame médico de 28 de maio passado, conforme a Resolução de 1 de abril de 1871 sobre esse assunto.

14 de agosto — Permissão para permanecer no Estado de S. Paulo durante o tempo de agregação. (15)

13 de Julho — Reformado, por decreto, conforme a primeira parte do § 1.^o, do artigo 9.^o, da Lei n.^o 648, de 18 de agosto de 1852, visto achar-se agregado ao Corpo de 2.^a Classe há mais de um ano e ter sido julgado incapaz para o ser-

viço do Exército, conforme nova inspeção a que foi submetido, tendo sido excluído do estado efetivo desse Corpo.

Nada mais consta que lhe seja relativo, e em firmeza do que, mandei passar a presente que vai por mim assinada e selada com o sinete deste Corpo.

Capital Federal, 14 de agosto de 1896.

a) General João Manoel de Lima e Silva

Dívidas com Euclides da Cunha

Henrique Nók
São Paulo, SP

Alguns anos atrás, numa comemoração de 20 de janeiro em São José do Rio Pardo, euclidianos de todas as partes do Estado, reunidos pelo prefeito da cidade, prestaram seu culto ao autor de "Os Sertões" descrevendo, cada qual em sua vez, quais os caminhos que os conduziram a Euclides da Cunha. Foram momentos de alta comoção, quando cada euclidiano ali presente rememorou o momento sagrado do chamamento euclidiano. Aquela hora em que tocado pela voz e mensagem de Euclides sentiu-se irremediavelmente atraído pela maior força telúrica das letras brasileiras.

XVI

Na realidade, uma vez compromissado com Euclides, assume-se uma dívida eterna. Os euclidianos são extremamente fiéis. Não medem esforços nem distâncias para rever, analisar e discutir o texto, a figura e a vida do seu patrono.

E uma prova de que o carisma de Euclides marca, basta verificar o rol das personalidades da literatura e cultura brasileira que desfilaram por S. José do Rio Pardo levando sua palavra e prestando sua homenagem. Basta verificar a extensa bibliografia euclidiana, talvez só superada pela de Machado de Assis e por mínima diferença, suponho.

E muitos euclidianos no passar dos anos resgataram sua dívida, marcando em pedra e cal seu preito de gratidão ao gênio que nos legou uma das maiores obras literárias. Outros ainda estão devendo seu quinhão. E a intenção aqui é de tentar lembrar pelo menos algumas das obras que ficaram inconclusas ou que mesmo nem sequer chegaram a ser iniciadas e estão ainda hoje adormecidas nos projetos.

Possivelmente o projeto mais ambicionado pelos euclidianos é o de se estabelecer o texto definitivo e sem erros de "Os Sertões". Isso porque sucessivas edições mal impressas e descuidadas introduziram várias barbaridades que precisam ser eliminadas para evitar que acabem se incorporando à obra. O mesmo se pretende com os demais textos de Euclides, com a finalidade de

obter uma verdadeira coleção de obras completas. Isso porque a edição que existe com esse título, na realidade se incumbiu de incluir novos erros, numa das piores edições que se tem notícia.

Ao lado da publicação das Obras Completas de Euclides da Cunha, com texto verdadeiro e sem erros, sempre se cogitou instituir uma Coleção Euclidiana. Projetos nesse sentido sempre existiram, sendo o último deles desenvolvido para a Edição Símbolo, recém-extinta. Algumas obras importantes chegaram a ser relacionadas e somente por falta de condições financeiras a obra não chegou a ser iniciada.

Biografias de Euclides existem pelo menos duas, que são as mais consultadas: a de Silvio Rabelo e a de Eloi Pontes. Sabe-se no entanto que Olímpio de Souza Andrade, falecido há pouco, vinha trabalhando num estudo biográfico que se esperava ser de grande fôlego. Até agora ninguém sabe qual a dimensão da obra, e se será publicada ou não.

O Museu Euclides da Cunha, instalado na casa onde o escritor morou em S. José do Rio Pardo quando escreveu seu livro famoso, reúne hoje um acervo significativo de peças, objetos, livros, manuscritos, textos de conferências, jornais, recortes e um mundo de valiosos documentos. No entanto por total desleixo da Secretaria da Cultura, responsável por este patrimônio incalculável, está lá tudo em abandono, com o Museu fechado à visitação pública, a casa rachando e trincando, os móveis roídos de cupins e traças comendo tudo que é papel. É dramática e lastimável esta situação. Em nenhum outro lugar do mundo um escritor da importância de Euclides da Cunha teria um tratamento deste nível. O menosprezo e a incompetência das autoridades chega a ser chocante neste assunto, relativo ao Museu de Euclides da Cunha. Está faltando que as autoridades liberem este patrimônio e o entreguem à guarda de uma Fundação Euclidiana, que como entidade cultural privada saberia melhor cuidar desta herança.

O mesmo pode-se dizer do sítio onde Euclides da Cunha nasceu, a Fazenda Saudade, em Cantagalo. A sede da fazenda foi transformada em escritório da empresa de cimento que tomou conta do lugar. Nada para lembrar que ali nasceu um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

S. Paulo até hoje não tem um monumento ou herma dedicada a Euclides. Mas nos jardins da biblioteca municipal são homenageados Camões, Dario, Goethe, Chopin e outros. As ações desenvolvidas nesse sentido sempre encontraram fria receptividade das autoridades e mesmo da Academia Paulista de Letras.

Até hoje não se conseguiu, efetivamente, unir as comemorações euclidianas de S. José e Cantagalo, num único, forte e comovido movimento de respeito, admiração e exaltação de Euclides. Aliás nesse particular, se as comemorações oficiais de S. José do Rio Pardo, andam de mal a pior, mendigando miseráveis verbas da Secretaria da Cultura do Estado, não é diferente a situação em Cantagalo, onde as comemorações não morrem unicamente graças às iniciativas privadas, ao entusiasmo e dedicação anônima dos euclidianos.

Nesse particular vale ressaltar que as comemorações euclidianas, como tal, são ímpares em nosso país. Nenhum outro culto à personalidade literária se iguala ao que é prestado à Euclides, por iniciativa privada, não obstante todo o tipo de dificuldade que estas iniciativas encontram. E é verdadeiramente incrível verificar como as autoridades culturais não sabem aproveitar esta força natural e espontânea, canalizando-a num grande evento literário para o estado e o país. E nem quando havia euclidianos entre os quadros dos homens que faziam a cultura oficial, isso foi possível.

Só cabe concluir esperando que um dia os euclidianos dispersos se reunam dispostos a resgatar algumas das dívidas que contraíram ao virem ao encontro do chamado de Euclides da Cunha.